

Dossiê Antropologia e Imagem: produções visuais na cidade



Minas que pixam: imagens da pixação dissidente em Natal-RN

Graffiti Gals: Images of Dissident Graffiti in
Natal - RN

Minas que pixam: Imágenes del graffiti
disidente en Natal - RN

Natalia Firmino Amarante
Mestra em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

Este trabalho visual foi elaborado enquanto cursava a disciplina “Cultura, Tradição e Oralidade” pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2017. Trata-se, portanto, do resultado de uma etnografia com mulheres pixadoras¹ em Natal-RN. Utilizei a câmera como instrumento de pesquisa, assim como preconiza Collier (1973), para tratar daquilo que chamei de “pixação dissidente” – no qual se refere a prática de manifestação política de mulheres nos muros da cidade de Natal/RN. Nesse processo, acompanhei algumas pixadoras e grafiteiras (que fazem pixo) durante suas práticas e fiz registros fotográficos e filmográficos.

Pude perceber, a partir das minhas vivências enquanto pixadora e através desse trabalho, que o muro aparece como um espaço político. Em Natal-RN, a prática da pixação e do grafitti foi, por um longo tempo, marcado pela presença dos homens (assim como outras culturas de rua) que tinham o privilégio de ocupar ruas da cidade (WELLER, 2005). Já as mulheres que entrevistei em minha breve etnografia, relataram dificuldades em sair sozinhas para “riscar”: sentimento de medo e perigo estavam presentes em suas narrativas, justificados pelo desconforto e falta de segurança em transitarem à noite pelos espaços da cidade.

Seus discursos trazem reflexões sobre a circulação de corpos subalternos (como os corpos em suas construções de feminilidades) em espaços públicos, evidenciando vulnerabilidades e se tornando uma questão de experienciar a cidade de uma forma diferente das dos homens pixadores, revelando outras estratégias de ocupar e sentir as ruas. Vale ressaltar que nesta breve discussão, o homem aqui é representado pelo modelo de construção do masculino dentro de uma ordem patriarcal².

Neste sentido, as mulheres pixadoras e grafiteiras vivenciam um tipo de negação, invisibilidade e silenciamento de suas vozes, demonstradas a partir da resistência dos próprios homens pixadores, que não aceitavam a presença de mulheres em suas *crews*³ ou que duvidam da capacidade delas estarem no mesmo “nível” que eles na pixação. Com o fortalecimento das discussões feministas e a midiaticização da cultura hip-hop, cada vez mais mulheres foram ocupando os espaços públicos e superando a noção de “mulheres privadas, homens públicos” (COELHO, 2017).

Tintas e muros são, portanto, elementos importantes utilizados como formas de reagir e dar visibilidades a suas presenças e vozes, tornando acessíveis suas experiências e

construções sobre o que é “ser mulher” neste contexto, trazendo, através de suas artes nos muros, agencialidades que simbolizam libertação e rupturas da heteronormatividade. Deixando suas marcas nos muros da cidade, rompem com a ordem vigente das visualidades desta cidade que é sentida, vivenciada e experimentada de diversas formas e subjetividades. Mas não só rompem como também provocam, por meio dos seus riscos, o reconhecimento de suas presenças femininas num espaço majoritariamente masculino.

Técnicas utilizadas para as fotografias:

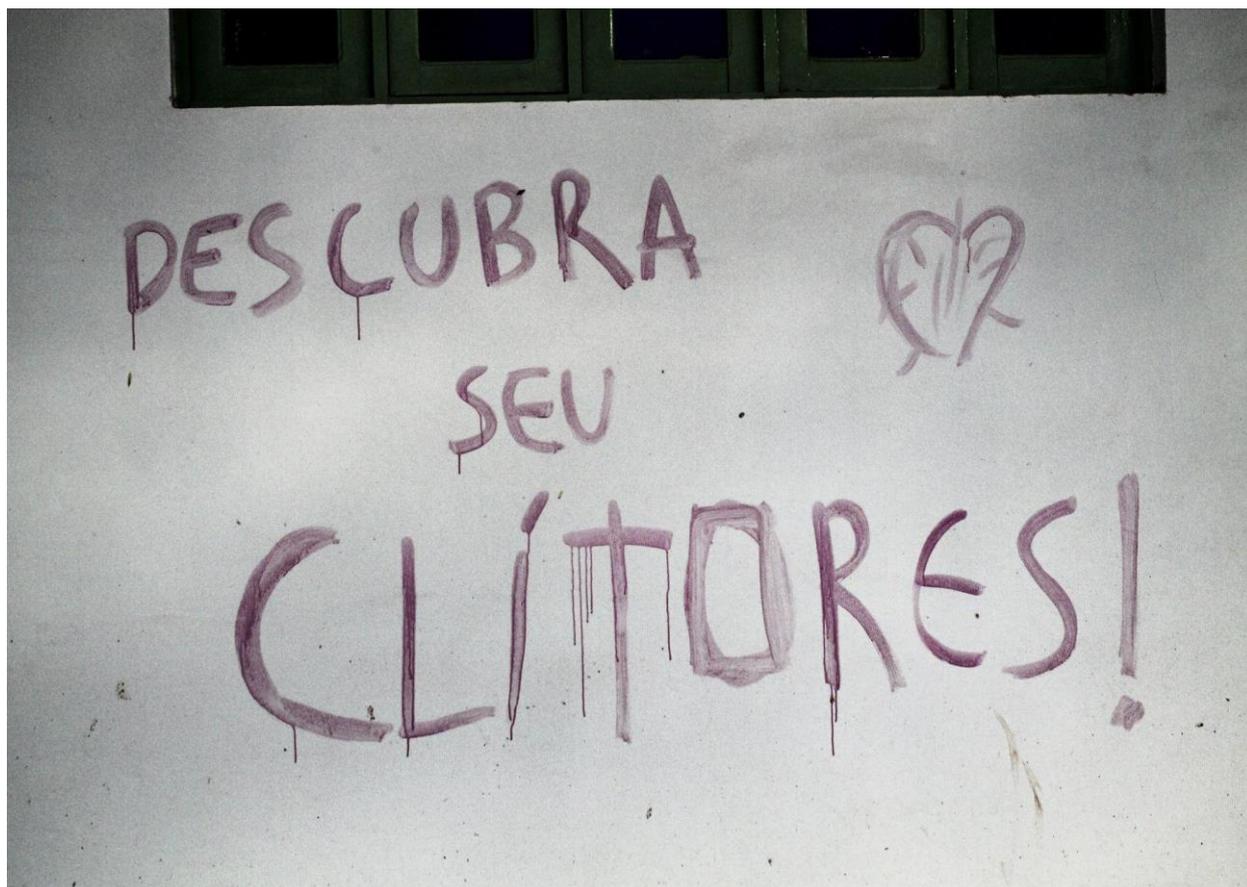
Material fotográfico:

Iphone 5 C - Fotos noturnas

Canon EOS 600D (EOS Rebel T3i)

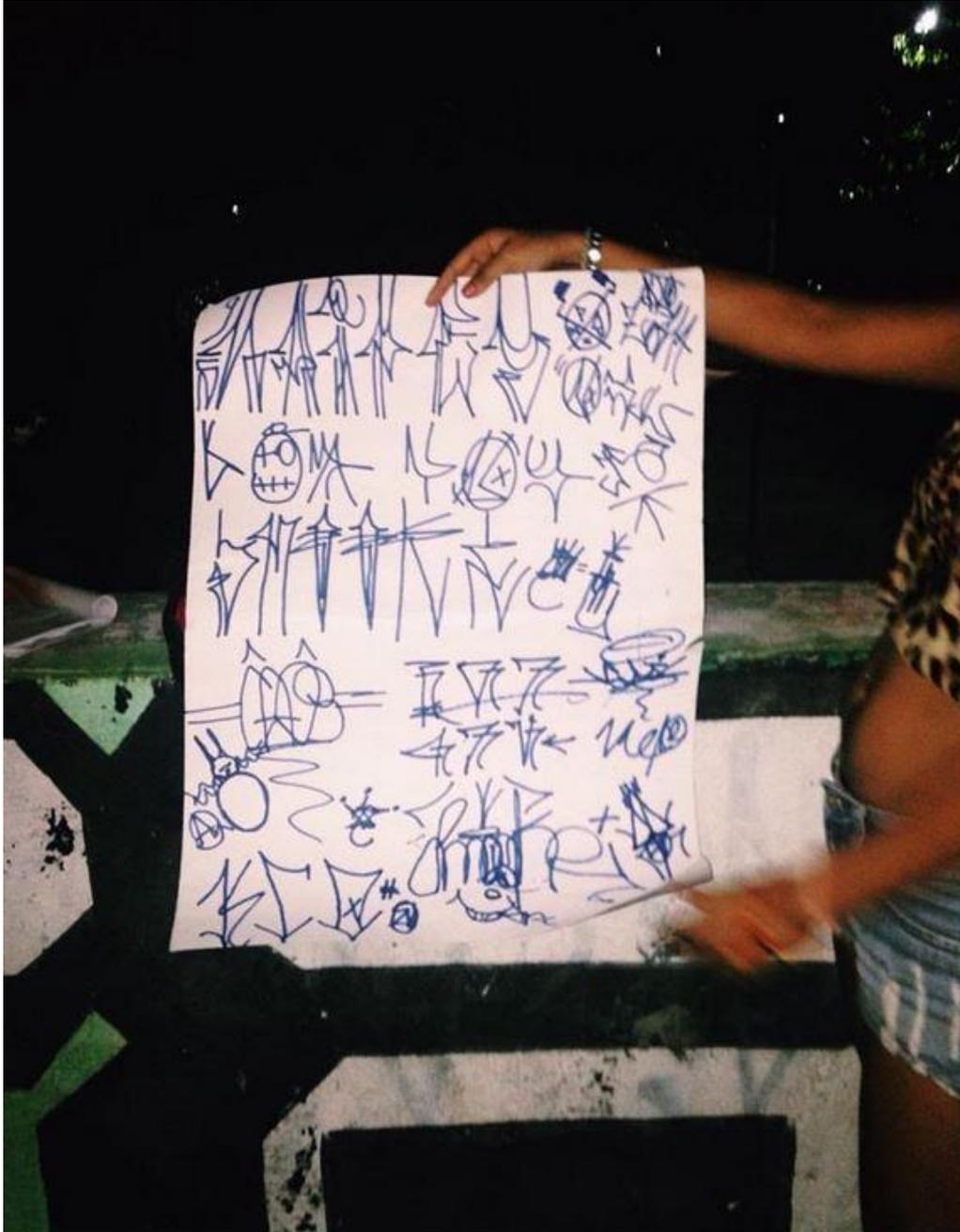
Canon EOS 700D (Canon EOS Rebel T5i)

Edição: Adobe Lightroom Classic CC



1. Descubra-se

Pixação “descubra seu clitores” feita na parede do departamento de artes da UFRN durante ocupação dos estudantes em 2013. Natal/RN. Foto: Natália Firmino Amarante (fevereiro/2013).



2. Folhinha de Xarpi

Pixadora “Aisha” segurando uma “folhinha de xarpi” em um encontro de pixadores na praça do nordestão na zona norte de Natal. A folha com a assinatura de todos os pixadores presentes é prática comum nesses eventos. Esta foto retrata a presença feminina nos encontros que anteriormente só contavam com a presença de homens. Natal/RN. Foto: Natália Firmino Amarante (abril/2016).



3. Preparação para o pixo

Pixadora “Lua” preparando a tinta para fazer sua *tag* em cima de um prédio em uma das grandes avenidas de Natal. As pixações onde é preciso “escalar” ou subir em prédios e fachadas são muito valorizadas dentro do universo da pixação em razão do esforço e do risco em fazer escaladas na cidade. A esse tipo de prática dá-se o nome de “pixo nas alturas”. Natal/RN, 2016. Foto: Natália Firmino Amarante (setembro/2016).



4. Reflexões

Pixação “Trash / Trans / Lesbixa / Monxter” colada na porta de uma casa no centro histórico de Natal e que mostra a tentativa de suscitar reflexões sobre diversas categorias de “gênero”. Autoria desconhecida. Natal/RN, 2016. Foto: Natália Firmino Amarante (fevereiro/ 2016).



5. Prática

Pixadora “Caos” utilizando tinta látex e um “rolinho” para pixar durante a madrugada. Natal/RN, 2015. Foto: Natália Firmino Amarante (março/2015).



6. Cores

As cores da estampa da “bandana” que cobre o cabelo da artista do coletivo Aboio se misturam com as cores da arte que estava em processo de construção no evento de Grafitti Baobarte. Macaíba/RN, 2017. Foto: Natália Firmino Amarante (dezembro/2013).



7. Encontro

Veronika e Louise conversam ao lado do desenho em construção que tem a frase “as quebradas são as senzalas que resistem”. Encontro de mulheres para colorir uma quadra na vila de Ponta Negra. Natal/RN, 2015. Foto: Natália Firmino Amarante (junho/2015).



8. Entre garrafas de tinta e o muro

Jessica segurando garrafa com tinta látex em encontro de mulheres para colorir a vila de Ponta Negra. Natal/RN, 2015. Foto: Natália Firmino Amarante (junho/2015).



9. Marcas

Artista “Sun” deixando sua marca em evento de hip-hop organizado na Comunidade do Mosquito. Pixadora e grafiteira, Sun aborda as questões do empoderamento da mulher sobre seu corpo. Natal/RN, 2019. Foto: Natália Firmino Amarante (março/2019).



10. Mão que pinta, mão que pixa

Detalhes da mão da artista Sun segurando o material enquanto deixava sua marca em um muro da Comunidade do Mosquito. Natal/RN, 2019. Foto: Natália Firmino Amarante (março/2019).



11. Dissidências

Registro noturno de uma pixação de uma *crew* (grupo) de meninas pixadoras que deixavam marcas pelos muros trazendo questões políticas, principalmente abordando a presença indígena na cidade. Natal/RN, 2014. Foto: Natália Firmino Amarante (outubro/2014).

Notas:

1. Utilizo aqui a grafia PIXAR com X, pois é uma categoria reivindicada para revelar a prática de uma transgressão. Conforme Costa (2007): "Os pichadores costumam grafar o termo pichação com x (pixação) o que é mais usual na fala dos grupos, *gangs* ou galeras. Assim como pixo para uma determinada pichação sobre qualquer superfície, o equivalente de uma pintura, desenho ou gravura, isto é, o objeto em si. Foi dessa forma que se grafou no título do livro *Ttsss: a grande arte da pixação em São Paulo, Brasil*, BOLETA. (Org.). São Paulo: Editora do Bispo, 2005. E por coerência poético-política assim o utilizamos no trabalho; pixação, pixador, pixar, pixo".
2. Devido a questões limitantes da formatação do ensaio, não cabe aqui trazer discussões aprofundadas sobre definições de masculino e feminino, pois o que há é uma variedade de construções de ser que se dão pelas classificações de gênero de maneira incompleta (Machado, 2014).
3. *Crew*, termo em inglês que significa "grupo" e diz respeito aos coletivos de pichadores que escolhem um nome para representá-los. Ex: ACN é um grupo de pixadores de Natal-RN que representa "Arte Criminal".

Referências

COELHO, Luana Xavier; TROMBINI, Maria Eugenia; LIMA, Rafaela Pontes; PORTO, Dayse. Do lar às ruas: pixo, política e mulheres. *Terra de Direitos*, 2017. Disponível em: <http://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/do-lar-as-ruas-pixo-politica-e-mulheres/22448> acesso em 1/7/2017 .

COLLIER, John, COLLIER JUNIOR, J., COLLIER JR, J., et al. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU – Edusp, 1973.

COSTA, Luizan Pinheiro. Grafite e Pixação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3, 2007, Campinas. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>.

MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. *Cadernos Pagu*, no. 42, 2014. p. 13-46.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, abr. 2005.

Recebido em 13 de janeiro de 2020

Aceito em 03 de junho de 2020